



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS



COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS

Disciplina: Língua Portuguesa / Totalidade: T70/ T71 – EJA / Professora: Carine Lorensi

Nome do aluno(a): _____

Atividades Pedagógicas desenvolvidas pelos professores no período de suspensão devido ao COVID-19.

INSTRUÇÕES:

Caros alunos,

Para quem tem o Livro Didático de Linguagens (1º ano), não há necessidade de imprimir o material, pois as atividades a seguir foram retiradas das páginas do livro (136 a 141).

Vocês deverão ler os textos abaixo e, posteriormente, realizar as atividades propostas.

Caso seja necessário, utilizem pesquisas, materiais de apoio e outras leituras para desenvolverem as tarefas.

Bons estudos!

VARIEDADES LINGUÍSTICAS

➤ A variedade culta formal

Vimos, na seção teórica anterior, que a **gramática normativa** considera “correta” a construção “Os dois rolaram no chão.” e “incorreta” a construção “Os dois rolô no chão.”. Mas... Se essas duas “formas de dizer” exprimem a mesma ideia, se qualquer falante do idioma pode compreendê-las perfeitamente, por que a gramática normativa só aceita como correta a primeira construção? Afinal, quais critérios são empregados por essa gramática para definir o que é “certo” e o que é “errado” na língua?

Os parâmetros e regras que determinam a **norma** (padrões de uso) da língua portuguesa foram sendo estabelecidos e fixados ao longo do tempo, principalmente pela ação de dois instrumentos sociais: a escola e os meios de comunicação (livros, jornais, revistas, noticiários de rádio e TV etc.). Convém lembrar que, antigamente, frequentar a escola e comprar livros e jornais eram privilégios de poucos, ou, como se diz popularmente, eram “coisas de rico”.

A escola tradicional e, por influência direta dela, também os meios de comunicação sempre consideraram “modelar” — digna de ser imitada — a variedade linguística empregada em **situações formais** por falantes das classes sociais urbanas cujos integrantes, por terem elevado nível de escolaridade e maior influência política, tinham, conseqüentemente, maior **prestígio social**. Essa variedade, denominada **variedade** (ou **língua** ou **norma**) **culta formal**, foi a que, ao longo do tempo, serviu de base para o estabelecimento da **norma-padrão**, um amplo conjunto teórico de regras e orientações tradicionalmente sistematizadas nos livros de gramática normativa.

A **variedade culta formal** tem emprego em situações muito específicas e é usada principalmente na escrita. Os documentos oficiais (leis, sentenças judiciais etc.), os relatórios e os livros científicos, os contratos empresariais, os editoriais de jornal, os discursos em determinadas situações sociais e as solicitações de emprego são exemplos de textos em que essa variedade é usualmente empregada.

As variedades da língua culta: língua culta formal e língua culta informal

O trecho abaixo, extraído de uma entrevista dada por uma socióloga, exemplifica o emprego da variedade culta em sua modalidade **formal** (**língua culta formal**). Leia-o.

Vale observar que o preconceito ao homem e à mulher do campo, até agora em vigência, traz também embutido o desprezo, tão inculcado nas classes médias e altas, ao trabalho braçal. Observa-se em nosso país que o de mais valor é o fazer saber e não o saber fazer, a cultura do ócio, o *dolce far niente*, de uma moral aristocrática antiga [...]. Não se misturando “às coisas do povo” [...], as elites de classe média, corroborando o que acontece nas classes altas, ficam de bem com os padrões dominantes os quais, eventualmente, lhes poderiam acenar com uma promoção social, no granjeamento, na excitação e desfrute de suas benesses.

O POPULAR. Entrevista com Célia Tolentino. Goiânia, 4 jul. 2002, Caderno Magazine, capa apud CATELAN, Álvaro; COUTO, Ladislau. **Mundo caipira: história da música caipira no Brasil**. Goiânia: Kelps: UCG, 2005. p. 34.

FIQUE SABENDO

Uma língua oferece a seus usuários diferentes **formas de realização**, isto é, diferentes “jeitos de falar e escrever”, e, segundo a linguística, não existe uma forma “melhor” (certa) ou “pior” (errada) de empregar uma língua.

A **variedade culta** é apenas uma entre as várias formas de usar a língua. A escolha dessa variedade como “modelo” é **convencional**; baseia-se em critérios ideológicos (sociais, culturais, políticos e econômicos). Assim, não se pode considerar que exista uma “língua única” e que ela coincida com a norma culta.

A língua é, na verdade, um conjunto de diferentes **variedades linguísticas**, cada uma delas associada às particularidades da realidade social, econômica, cultural, regional etc. dos falantes que utilizam essa variedade.

Como você pôde notar, a socióloga, ao falar, optou pelo emprego de frases mais longas, por ordenações pouco comuns das palavras e por um vocabulário mais elaborado e específico, adequando assim seu “modo de falar” à situação de comunicação: uma entrevista tratando de um tema relacionado à profissão dela.

Isso não significa, no entanto, que, ao usarmos a língua culta, somos obrigados a empregar um vocabulário mais “difícil” e frases “complicadas”. Dentro da própria variedade culta existe a possibilidade de adequarmos nosso nível de linguagem, isto é, podemos falar/escrever de maneira mais formal ou menos formal, dependendo do contexto em que se realiza o ato de comunicação. A respeito dessa flutuação no nível de formalidade da língua culta, veja o que diz um linguista:

A **língua culta formal**, por ser empregada quase que exclusivamente na *escrita*, é mais “fixa” ao longo do tempo, ou seja, modifica-se menos que a **língua culta informal**, que se usa mais na comunicação *falada*.

Um exemplo dessa diferença: a gramática normativa propõe, para o **padrão culto**, as formas: eu *vou*, tu *vais*, ele *vai*, nós *vamos*, vós *ides*, eles *vão*; no entanto, na maior parte do Brasil, a **língua culta falada** emprega: eu *vou*, ele/*você*/a gente *vai*, nós *vamos*, vocês/*eles vão*.

É nesse português, distanciado da tradição, que são apresentados os noticiários de rádio e TV, que são compostas, em sua maioria, as músicas populares, que os professores dão suas aulas; é esse o português que acaba também sendo empregado nos textos escritos cotidianos (jornais, revistas, anúncios publicitários etc.).

Fonte de pesquisa: TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 327.

O texto a seguir, por exemplo, foi traduzido do espanhol para a variedade **culta informal** de nosso idioma.

A forma como vivemos e nossos valores são a expressão da sociedade na qual vivemos. E a gente se agarra a isso. Não digo isso por ser presidente do Uruguai hoje.

Pensei muito sobre isso. Passei mais de dez anos [preso] na solitária. Tive tempo. Em sete anos nem sequer li um livro. Tive muito tempo para pensar. E descobri o seguinte: Ou você é feliz com pouco, com pouca bagagem — pois a felicidade está em você — ou não consegue nada.

Isso não é a apologia da pobreza, mas da sobriedade.

Só que inventamos uma sociedade de consumo... E a sociedade tem de crescer ou acontece uma tragédia. Inventamos uma montanha de consumos supérfluos. Compra-se e descarta-se. Mas o que se gasta é tempo de vida. Quando compro algo — ou você compra — não pagamos com dinheiro, pagamos com o tempo de vida que tivemos de gastar para ter aquele dinheiro. Mas tem um detalhe: tudo se compra, menos a vida. A vida se gasta. E é lamentável desperdiçar a vida para perder a liberdade.

Trecho de entrevista de José Mujica (conhecido como Pepe Mujica), ex-presidente do Uruguai, transcrito do filme **Human** (França, 2015), de Yann Arthus-Bertrand.

As variedades — formal e informal — da **língua culta**, por serem típicas de falantes urbanos de maior nível de escolaridade e de maior influência social, são denominadas também **normas urbanas de prestígio**.

FIQUE SABENDO

Contexto

É a situação particular em que se desenvolve o ato de comunicação. O contexto é formado por elementos linguísticos (o discurso) combinados a elementos não linguísticos (o local, o assunto, o número de interlocutores, o tipo de relação — pessoal, social, profissional — entre eles etc.).

PARA VER NA REDE

Se você quiser assistir, na íntegra, ao emocionante documentário **Human**, acesse o seguinte *link*: <<http://tub.im/xqzxs>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

➤ A variedade coloquial-popular

Leia este pequeno texto:

Ponto de vista

O pai, depois de analisar o relatório de notas que o filho havia trazido da escola, chama o garoto e diz, irritado:

— Pô, filhão! Você tá pisando na bola! Suas notas vão de mal a pior! Cria vergonha na cara! Tá na hora de você tomar conta do seu nariz! Você sabia que, quando eu tinha a sua idade, eu era um dos melhores alunos da turma?

E o garoto, sem muito entusiasmo:

— Puxa, paizão, legal, heim? Mas, com bem menos idade do que o senhor tem hoje, um carinha chamado Lawrence Bragg já tinha faturado um prêmio Nobel de Física.

Texto de domínio público.

Nesse diálogo — uma conversa entre pai e filho —, a situação de comunicação é **informal**. Em situações como essa, os interlocutores tendem a fazer uso de uma variedade linguística denominada **não padrão, coloquial** ou **coloquial-popular**. Essa variedade, comumente empregada pela maioria das pessoas em suas relações sociais do dia a dia, caracteriza-se principalmente pela despreocupação dos falantes com muitas das regras da gramática normativa — emprego de plurais, de concordâncias, de flexão dos verbos etc. — e pela presença frequente de expressões populares, de frases feitas e de gírias.

É por meio da **variedade coloquial** que nos comunicamos de maneira espontânea e informal com nossos familiares, vizinhos, colegas e amigos. Na tirinha abaixo, por exemplo, o personagem, ao pedir ajuda ao sobrinho para entender as novas regras do acordo ortográfico da língua portuguesa, expressa-se por meio dessa variedade linguística.

QUE DIZEM OS LINGUISTAS

A linguagem não é usada apenas para transmitir informações. Uma das outras funções da linguagem é a de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem "ouvidas", para serem respeitadas e para exercer influência no ambiente em que se realizam seus discursos (atos linguísticos).

As "regras de linguagem" levam em conta as relações sociais entre os interlocutores. Todo falante tem que agir de acordo com essas regras, isto é, tem que "saber": a) quando pode falar e quando não pode; b) que "assuntos" podem ser abordados; c) que variedade linguística é adequada à situação de comunicação.

Fonte de pesquisa: GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 3-4.



ORLANDELI. Grump: Tive uma ideia... Jan. 2009.

É claro que, mesmo quando nos comunicamos em situações informais, podemos optar pelo uso da variedade culta, uma vez que usar essa variedade não significa falar/escrever "difícil", com palavras pouco comuns e frases complexas; significa, sim, falar/escrever de acordo com as orientações da gramática normativa.

RESUMINDO O QUE VOCÊ ESTUDOU

As diferentes gramáticas

Gramática internalizada

Sistema de regras próprias do idioma que comandam sua estrutura e funcionamento e determinam se uma construção é ou não *linguisticamente* válida. Exemplos:

“Chega-se a Marte, mas não se chega ao próximo.” (J. Saramago) → **válida**

Ao chega-se Marte mas a próximo chega não se. → **inválida**

Gramática normativa

Teoria que, tomando como referência os usos tradicionais — “exemplares” — do idioma, descreve e propõe um sistema de normas e orientações para se falar/escrever em situações formais de comunicação.

Variedades linguísticas

Língua (ou variedade) culta

- Empregada, em situações mais formais, por integrantes dos grupos sociais de maior nível de escolaridade e de maior influência social, política e econômica;
- Variedades da língua culta: *língua culta formal* e *língua culta informal*;
- Caracteriza-se principalmente pela presença de estruturas frasais mais complexas, pelo vocabulário mais elaborado (menos “comum”) e, em sua variedade formal, pela adequação rigorosa às regras da gramática normativa.

Língua (ou variedade) coloquial-popular

- Empregada cotidianamente nas situações informais de comunicação por integrantes de todos os grupos sociais;
- Caracteriza-se pelo vocabulário mais “comum”, pelo emprego de frases de estrutura simples, pela pouca (ou nenhuma) observância às regras da gramática normativa e pela presença de frases feitas, expressões populares e gírias.

Atividades

Escreva
no caderno

1. Compare, quanto aos aspectos linguísticos, as construções destes quatro itens:

1. As repente, garotas festa, estavam da gostando mas elas de, embora foram.
2. As garotas estavam gostando da festa, mas, de repente, elas foram embora.
3. As minas estavam curtindo a festa, mas, de repente, elas vazaram.
4. As mina tava curtino a festa, mas, de repente, elas vazô.

Assinale a afirmação correta:

- a) A organização da estrutura textual do item **1**, embora incomum, é linguisticamente válida, pois qualquer leitor é capaz de reordenar suas palavras e, assim, depreender o sentido da mensagem.
- b) Na perspectiva da gramática normativa, são válidos os itens **2**, **3** e **4**, uma vez que, nos três, o sentido da mensagem é basicamente o mesmo.
- c) Do ponto de vista estritamente linguístico, apenas os itens **1** e **4** não são válidos.
- d) Comparados a **2**, os itens **3** e **4** apresentam um grau crescente de afastamento em relação à variedade culta da língua.
- e) Os itens **3** e **4** exemplificam construções linguísticas usualmente empregadas por falantes incapazes de expressar suas ideias com clareza e objetividade.

2. O **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**, redigido em 1924 pelo escritor Oswald de Andrade, é um texto no qual são apresentadas inúmeras ideias e sugestões a respeito de uma nova maneira de ver o Brasil e de fazer literatura brasileira. O manifesto, que passou a servir como referência para muitos escritores modernistas brasileiros, tem, entre suas propostas, a seguinte:

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 42. (Obras completas de Oswald de Andrade).

Agora leia os cinco trechos dos textos a seguir, todos de escritores modernistas brasileiros. Depois, responda aos itens **a** e **b**.

TEXTO 1

[...] O grito do bicho era “eu sou macho” e cocoreco e bico de pato. E fazia aquela ginga de mão, você manja, n’ê? [...]

ANTÔNIO, João. *Mariazinha Tiro a Esmo*. In: _____. **Malhação do Judas Carioca**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981. p. 7.

TEXTO 2

Taina-Cã deu uma chegadinha no céu, foi até o corgo Berô, fez oração e botando uma perna em cada barreira do corgo esperou assuntando a água. [...] Taina-Cã não era coroca não! Taina-Cã era mas um rapaz muito brabo mucudo e de nação carajá. [...]

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Madri: Alca XX, 1997. p. 161.

TEXTO 3

Caminha a vida ao meu lado
com o seu odor marinho,
ardiloso sol da tarde
que me aquece como se
fosse a própria eternidade
[...]

IVO, Lêdo. O pássaro predatório. In: _____. **Mar oceano**: poesia. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 19.

TEXTO 4

[...] andava eu na casa dos trinta e tantos e meu novo viver pedia costela. Uma prima, filha do sepultado tio Tomé de Azeredo, ficou toda ensabonetada para meu lado. Morava longe, mas ao sentir cheiro de casamento, voou em trem de ferro e veio desabar [na minha casa] na rua da Jaca. [...] A prima não servia — um bambu vestido era mais encorpado do que ela [...]

CARVALHO, José C. de. **O coronel e o lobisomem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 16-17.

TEXTO 5

[...] A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora — o xixixi e o empapar-se da paisagem — as pestanas til-til. [...]

ROSA, João Guimarães. *Partida do audaz navegante*. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 167.

- a) Em qual (quais) desses textos **não é possível** identificar a adoção da proposta do **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**?
- b) Transcreva, do(s) outro(s) fragmento(s), algumas marcas linguísticas indicativas de que o autor incorporou em seu texto a proposta do manifesto.

3. (Unifesp-SP) Leia os versos do poeta Manoel de Barros.

1

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

2

Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.

Versos extraídos de *O Livro das Ignorâncias*.

Os versos transcritos em **1** e **2** assinalam que o eu lírico:

- a) se ressentido das imposições das gramáticas, que comprometem a sua criatividade.
- b) reconhece a necessidade de fazer poesia, lembrando-se de atender ao normativismo.
- c) condena a expressão linguística que materializa textos sem a beleza das frases.
- d) propõe formas alternativas de expressão sem apegar-se ao rigor das normas gramaticais.
- e) busca a doença das palavras como forma de repensá-las e ajustá-las à ideia de belo.

4. O trecho a seguir reproduz a fala de um operário. Leia-o e responda aos itens de **a** a **c**.

Os nossos salário, cum relação ao que nós fazemo e o lucro que os outros tem, é insignificante. Por que acontece isso? Eu tenho que trabaia trezentos e sessenta e cinco dia por ano. O outro não trabaia nem... nem cem dia, ganha muito mais. Porque eu sô a máquina que dô descanso pra ele.

RAINHO, Luís Fernando. *Os peões do Grande ABC*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 199.

- a) Identifique no texto as duas diferenças mais evidentes em relação ao padrão formal da língua portuguesa.
- b) Suponha que alguém, depois de ler esse texto, dissesse o seguinte: “Essa pessoa não sabe falar; não sabe gramática, por isso comete muitos erros.”. Você concordaria com essa opinião? Justifique.
- c) O fato de o falante do texto não se expressar de acordo com as regras da gramática normativa não o impede de ter senso crítico em relação ao problema que ele analisa. Qual é esse problema e que opinião ele tem a respeito?